



CONFERÊNCIA «DINÂMICAS DA FORMAÇÃO»

João Bellem

Fui convidado para este Congresso para falar sobre dinâmicas da formação. E quero agradecer à Organização a confiança que depositou em mim, acreditando que eu seria capaz de transmitir alguma coisa das dinâmicas da formação contínua no nosso país. A ideia de dinâmica é uma ideia muito arrojada, muito bonita, e acho que a palavra dinâmica foi bem escolhida, foi um belo desafio porque dinâmica tem que ver com as mudanças, tem que ver com alterações, tem que ver com velocidade, com acelerações, tem que ver com coisas muito interessantes quando levadas para o campo das ciências sociais. E fiquei, então, com aquela sensação de risco, como vocês imaginam, de vir falar sobre este tema para os profissionais que estão no terreno a trabalhar na Formação Contínua, quer dizer, corria o risco de "ensinar o padre nosso ao vigário"... Então, com a humildade que todos devemos ter no trabalho em que estamos envolvidos, pensei ser mais interessante se apresentasse algumas situações e as pusesse à discussão. Assim, selecionei três situações que vou partilhar e sujeitar à vossa leitura...

A primeira é uma situação que considero de sucesso.

O Programa Educação Para Todos, PEPT 2000, é um projecto inter-ministerial, criado pelo Ministério da Educação na perspectiva de estender, promover, divulgar esta ideia da Escola Para Todos, da Educação Para Todos. Muito sumariamente, este projecto tem trabalhado as questões da diferenciação pedagógica, tem promovido o desenvolvimento de observatórios da qualidade, numa tentativa de encontrar causas de abandono e de insucesso, e tem-se preocupado com as dinâmicas locais e regionais, aquilo a que se tem chamado o curriculum local e regional. Em três anos de trabalho dedicados mais expressivamente à diferenciação pedagógica, ao trabalho diferenciado em sala de aula, o Programa Educação Para Todos e a Rede das Escolas que trabalham com esta preocupação comum, referenciaram, localizaram, descreveram, reconheceram, validaram, tornaram públicas e explicitaram cento e setenta práticas de diferenciação de qualidade existentes em quarenta escolas. O que é que eles fazem? Estão, essencialmente, a trabalhar com afinco e com qualidade os programas de apoio educativo dentro das salas de aula. Estão, também, a trabalhar com afinco e com qualidade outros espaços da estrutura curricular a que temos chamado área escola e que agora vamos passar a chamar tempo para a área de projecto, tempo para a área de estudo, a tal ideia da gestão flexível do currículo. E estão, ainda, a trabalhar o terceiro domínio da diferenciação, que é a gestão e a organização democrática da turma, um espaço de diferenciação interessante, a que se tem chamado no currículo português a Formação Pessoal e Social, mas que tem que se concretizar em formas visíveis do trabalho conjunto dos jovens com os seus professores. Estão, no fundo, a trabalhar com os seus alunos para que estes obtenham sucesso. Por exemplo, o Joaquim Azevedo lembrava ontem a grande preocupação que devemos ter com a socialização. A socialização é isto, isto está a acontecer e está a ser trabalhado a sério e de forma sistemática. De facto, foi criada uma dinâmica extraordinária com a perspectiva e a expectativa de ir à procura e de dar visibilidade a práticas de diferenciação com qualidade; visibilidade para os colegas das escolas onde estas se desenvolvem e para os colegas das escolas vizinhas, proporcionando a troca de experiências e de materiais pedagógicos, proporcionando a reflexão e a discussão sobre as diferentes práticas.

Agora vão-me desculpar a imodéstia mas vejam lá como um projecto com seis técnicos e 4 funcionários funciona! E este projecto já pôs a render para a educação estas coisas todas que tanto preocupam as nossas escolas... (a área-escola, a gestão flexível do currículo...) E já há colegas a pôr em prática e disponíveis para partilhar. E há entidades com tanta gente a trabalhar, embora também tenham outras funções, mas que eu saiba não têm conseguido fazer tanto como a rede das escolas que, com tão poucos recursos humanos, e já disponível e a trabalharem uns com os outros. Eu vou apresentar uma situação concreta, um exemplo testemunhal, não estou a divulgar nem a acusar ninguém... No ano passado, o Departamento de Educação Básica convidou-me, a mim e a outros colegas, para uma reunião e disseram-nos que estavam muito preocupados e muito interessados na temática da diferenciação. Sugeriram-nos que nos juntássemos para organizar formação para professores e para trabalharmos com eles, para ensinarmos como se faz a diferenciação para depois eles fazerem com outros e organizar-se assim uma formação em cadeia. E eu, que tinha tido o privilégio de saber, de estar em contacto e de trabalhar com muitos professores, disse-lhes que muitos professores já sabiam fazer diferenciação e não precisavam que os investigadores, que os académicos lhes fossem ensinar a fazer diferenciação porque eles já a faziam, e que esses colegas é que podiam, eventualmente, até trabalhar com outros e ensiná-los a fazer diferenciação. E o Departamento de Educação Básica não sabia que já havia, pelo menos, cento e setenta professores a fazerem diferenciação com muita qualidade. Então o Departamento de Educação Básica contactou os Centros de Formação a que esses professores estavam associados e foram organizadas oficinas de formação para aqueles colegas trabalharem com outros colegas interessados em aprender a fazer diferenciação na sala de aula, para os seus alunos, para a escola de sucesso, para a escola inclusiva, para tudo isto que nos preocupa neste final de século.

Então, onde é que os Centros de Formação entraram neste processo, que me pareceu de sucesso, em termos de desenvolvimento das instituições de formação contínua que são, essencialmente, os Centros de Formação de Associação de Escolas? O que aconteceu e continua a acontecer de forma sistemática e exigente, e que me parece um sinal altamente promissor, é que estes cento e setenta professores estão a organizar e a fazer propostas aos Centros de Formação em que estão inseridos, e já estão 12 Centros de Formação envolvidos neste processo de trabalho.

Referia, ainda, que estes professores, que têm experiências interessantes em diferenciação e estão disponíveis para partilhar com os colegas, estão a organizar formação contínua dentro das salas de aula dos colegas, no tempo de trabalho dos colegas com os alunos. Ou seja, os professores estão a fazer formação, a experimentar, a acrescentar, a aumentar, a potenciar as aprendizagens dos alunos, a melhorar as relações com os alunos e a trocarem, posteriormente, ideias e experiências com o formador e os colegas sobre como é que os alunos reagiram, o que é que aprenderam, como é que correu, se aderiram ou não... e isso é possível frequentando Estágios e Oficinas! Isto é uma realidade da Formação Contínua neste momento em Portugal, não é um sonho, não é um ideal, é uma realidade.

Resultados desta experiência que me pareceu promissora? Centenas de professores a aprenderem mesmo a fazer, não a “ouvir falar de...”. Não, é aprender a fazer, todos os dias, num sistema de formação, a aprenderem mesmo a fazer diferenciação, a aprenderem mesmo a fazer área escola, a aprenderem a motivar os alunos para a sua disciplina, para a pesquisa. De muitos casos eu não tenho conhecimento, mas são muitos os professores que neste momento põem tudo isto em prática com os seus alunos, o que significa que há milhares de alunos a beneficiarem destas práticas de sucesso. Enquanto se está em formação está-se a intervir, a modificar, a melhorar. São as mudanças na sala de aula que estão a acontecer através da formação contínua em Portugal! Outro resultado interessante é o crescimento exponencial de formadores que isto provoca. É que estas centenas de professores que recebem formação são formadores em potência que podem vir a

trabalhar com os outros, na suas próprias escolas e até noutras escolas. O Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, pelo seu lado e no âmbito das suas competências, também está muito empenhado nisto, de acreditar o máximo de colegas com práticas de qualidade, podem não ser académicos, não precisamos só da formação que advém do exercício académico, nós acreditamos muito no esforço e estamos muito solidários com os colegas que têm práticas de qualidade e que podem sempre vir a transmitir aos outros os seus saberes, a sua prática.

O **segundo caso** de sucesso e que me parece interessante ao nível de dinâmicas da formação, de movimento, de promoção, de aceleração, de propulsão, é o Programa ALFA.

Muito sumariamente, o Programa ALFA é dinheiro. Funciona, essencialmente, através da atribuição de financiamento. Então, no domínio da formação, o que o programa fez foi atribuir às escolas uma determinada verba para estas fazerem formação. Nalguns casos aconteceu que as escolas começaram a fazer elas próprias, avulso, a formação. Foram ter com um professor que soubesse coisas que consideravam de interesse, acertaram o pagamento, juntaram o conjunto de professores da escola, ouviram aquele colega falar dessas coisas e foram-se embora todos felizes, cheios de ideias. Ora isto, de facto, do ponto de vista da formação é um bocado pobre, e vocês, que são os obreiros da Formação Contínua em Portugal, o dirão... É uma parada de génios que vão desfilando pelos olhos dos professores e que os vão acicatando com umas ideias muito interessantes, mas depois passou e fica tudo na mesma. E há escolas que têm gasto dinheiro nessa parada de vaidades... nesse desfile de moda de eminências... Porém, e isso é que eu queria sublinhar agora, há casos muito bonitos de grande qualidade da formação. Houve escolas, e não foram poucas, que pegaram nesse dinheiro e foram ter com os seus Centros de Formação e pediram ajuda para receberem formação de acordo com as suas necessidades. Isto quer dizer que muitos colegas já reconheceram que os Centros de Formação são, por excelência, as instituições da Formação Contínua em Portugal. Isto é um sinal do sucesso do vosso trabalho, os professores foram ter com os Centros de Formação mesmo sem precisarem de créditos. Os professores foram ter com os Centros de Formação quando podiam gastar o dinheiro onde quisessem. Mas foram ter com os Centros de Formação porque reconheceram que eles é que sabem da Formação. Eu apontaria, então, como resultado deste caso de sucesso o reconhecimento pelas escolas da capacidade dos seus Centros de Formação responderem às necessidades de formação e, conseqüentemente, a consagração dos Centros como a força geradora de dinâmicas da formação junto dos professores e das escolas. O Senhor Secretário de Estado dizia perante todos vocês que os Centros de Formação vão continuar, o que me parece um belo sinal de sucesso, não só pelo reconhecimento por parte dos políticos, isso é importante, é imprescindível que assim seja, mas também pelo reconhecimento da qualidade de organizar formação que responda às necessidades, aos interesses, à promoção das dinâmicas, que as escolas e os professores vos tributam.

A **terceira situação** que escolhi é um desafio. Ainda está em marcha, mas penso que tem algum interesse. Estes cento e setenta professores, que têm uma prática de diferenciação de qualidade e que têm ido bater à porta dos doze centros de formação em que se inserem, já foram pedir a alguns desses Centros autoformação, o que é uma coisa pouco comum. E esta dinâmica de autoformação passa pelos Centros de Recursos. E vocês conhecem bem o papel dos Centros de Recursos na autoformação, enquanto suporte de apoio e estímulo. Eles estão a trabalhar com os seus Centros de Formação e estão a organizar sistematicamente a autoformação através dos Centros de Recursos. E o que é que propuseram? Propuseram a organização de relatos de práticas de diferenciação. Porque esta ideia de se fazerem práticas diferentes, de se mudar as práticas da sala de aula, e é disso que se trata quando falamos de escola inclusiva, escola para todos, área escola, é

mudar as práticas, mudar da prática colectiva para a prática da diferenciação, do trabalho autónomo e de projecto, etc., todos nós sabemos que é um processo doloroso e moroso. E estes colegas estão a fazer relatos de práticas, descrições pormenorizadas do que acontece, minuto a minuto, dentro de uma sala de aula diferenciada, e estão a elaborar listas de materiais que se utilizam nas aulas diferenciadas em todas as áreas, etc.. Por outro lado, estão a negociar com os seus Centros de Formação a forma de porem isso à disposição dos colegas e disponibilizaram-se para promoverem publicações de divulgação dos trabalhos e para acompanharem colegas que estejam interessados em começar a experimentar as práticas da diferenciação na sala de aula. Isto é pequenino mas é decisivo para a mudança das práticas na escola dos colegas.

Eu vou só referir três obstáculos que tenho identificado:

1º - Neste momento, através dos estágios e das oficinas, os Centros de Formação já podem ajudar os professores a fazerem práticas de inclusão, de qualidade e de sucesso com os seus alunos. E é isso mesmo que se pretende, não é a formação de rabo sentado, é a formação a trabalhar, a arregaçar as mangas e a pôr a trabalhar os alunos nas salas de aula, e a reflectir e a discutir sobre essas coisas nos momentos colectivos, e voltar a experimentar e voltar a reflectir e a discutir. O trabalho nas salas de aula é fundamental, mas há aqui uma coisa complicada, falta convencer muitos professores que têm que produzir materiais para a diferenciação, que têm que arregaçar as mangas e produzir meia dúzia de equipamentos, que têm que de organizar os materiais de outra forma, porque sem eles não vão conseguir fazer diferenciação. Nunca vão conseguir fazer diferenciação se forem para dentro da sala de aula só com o manual, com o pau de giz e com a garganta afinada, porque só isso não chega. E isto é uma batalha que os Centros de Formação têm que desencadear se quiserem ajudar os professores...

2º - Os Centros de Formação, através dos projectos e dos círculos de estudos, já podem ajudar os órgãos de gestão das escolas a promoverem dinâmicas interessantes. São exactamente estas modalidades de formação que servem de ferramenta para vocês potenciarem e valorizarem os colegas e as escolas para fazerem os seu planos de formação, para promoverem dinâmicas que existam nas escolas. Mas falta convencer a gestão das escolas que tem que pôr os materiais todos da escola dentro das salas de aula, senão nunca haverá diferenciação. Quer isto dizer que, enquanto nós, como gestores da formação, como animadores da formação, não formos capazes de convencer os nossos colegas da gestão das escolas a deixarem sair os livros todos da biblioteca para dentro das salas de aula, e os materiais todos que estão encafuados dentro dos gabinetes e dos laboratórios para dentro das salas de aula, é mentira... nunca vai haver diferenciação de espécie nenhuma, porque o acto de ensinar e de aprender da escola portuguesa, até me provarem o contrário, é dentro das salas de aula. Isto é um bloqueio, mas é uma batalha, uma batalha linda, deslumbrante, convencer a gestão das escolas a tirar os cadeados dos armários e deixar os materiais entrarem dentro das salas de aula.

3º obstáculo – Os Centros de Recursos são uma bela ferramenta para a formação, e é verdade que alguns Centros de Formação já têm Centros de Recursos com qualidade e com a dinâmica de auto formação. Mas há aqui um terceiro constrangimento: falta confrontar a administração da educação em Portugal com o compromisso fundamental de apoiar a escola com materiais, que está anunciado há dez, doze anos, mas que não está cumprido. É que se não cumprirem, provavelmente, não vai haver mesmo diferenciação. A diferenciação não se vai fazer só com a garganta, com o giz e com o manual, isto é claro, não é só porem os meninos a verem projecções ou a verem vídeos ou diapositivos, não é de nada disso que eu estou a falar, eu estou a falar de materiais para a diferenciação. Claro que é importante haver bibliotecas e projectores de vídeos e computadores e mediatecas e laboratórios e centros de recursos, mas há mais coisas, e uma das coisas que é importante é haver meia dúzia de materiais por cada disciplina e por cada programa

que permitam fazer diferenciação. E a administração da educação em Portugal esqueceu-se que já há essa cultura, que já há essa dinâmica. Mas os Centros de Formação sabem que existe e sabem o que faz falta na escola porque estão lá, estão ao lado das escolas!

É um belo desafio para reflectirmos e trocarmos ideias...

Após a comunicação foi promovido um espaço de debate. Alguns congressistas apresentaram as suas próprias experiências e deixaram em aberto algumas reflexões e questões.

Apresentamos algumas dessas questões e um breve resumo da intervenção do Sr. Dr. João Belém:

- De que forma podemos ter acesso aos materiais produzidos nas Oficinas?

- Nós estamos envolvidos na Oficina de Diferenciação e produzimos alguns materiais pedagógicos que se encontram expostos na Mostra, mas não sabemos de que forma podem ser divulgados, como fazer chegá-los junto de outros colegas. Neste sentido, pedíamos a colaboração dos Centros de Formação para a divulgação destes materiais.

- O Sr. Dr. Apontou três obstáculos que temos que ultrapassar, ou seja, temos que: convencer a administração, convencer o órgão de gestão, convencer os professores. Mas, de que forma?

O que os Centros de Formação querem é que vocês lhes batam à porta para divulgarem as vossas acções!

Alguns colegas referiram as condições de funcionamento, eu penso que, talvez melhor do que eu, os vossos Centros estarão em óptimas condições para vos ajudarem. Fazer formação centrada no exercício da vida profissional é muito bonito. Os professores já podem fazer formação acreditada no seu tempo de trabalho, dentro das suas salas de aula. É preciso andar no terreno, a chafurdar, a observar. É só melhorar a capacidade de gestão dos Centros de Formação, mas estas modalidades já existem, já se praticam. Não é só para as pessoas se juntarem em sessões presenciais e falarem das suas práticas, não é só isso, é também para as pessoas irem para o terreno e experimentarem, modificarem e moldarem as realidades que tem à sua volta, quer no âmbito da escola em geral quer no âmbito da sua sala de aula.

A Mostra de materiais é mais uma possibilidade de comunicação. Muitos desses materiais são extremamente úteis para imensos colegas que neste momento se encontram aflitos sem saber o que fazer às suas turmas. Já agora, desculpem lá, mas se reflectirmos sobre algumas coisas que vocês disseram, parece que estamos como trincheiras, dum lado e doutro do campo de batalha; esta ideia de nos tornarmos agentes passivos porque consideramos que não há condições na nossa escola é mentira, é mentira... Mesmo que tenhamos muitos exemplos maus, há também bastantes exemplos bons: ainda agora referi os 170 professores, e eu sei que há muitos mais! Podemos começar a fazer diferenciação só com os materiais que temos nas nossas escolas. É só convencer a gestão a abrir os armários, convencer os professores a pegar em materiais que têm lá casa abandonados... e começar a trabalhar! É claro que se poderiam fazer coisas muito melhores com mais materiais, mas não é verdade que não podemos começar a fazer diferenciação só com os materiais de que dispomos. Pode-se fazer diferenciação e há centenas de testemunhos de profissionais que trabalham assim. A demonstração está feita e vocês, Directores dos Centros de Formação, sabem-no bem porque estão no terreno e, ainda por cima, alguns destes profissionais são vossos colaboradores, são vossos formadores.